



**FACULDADE CALAFIORI**

**KELI CRISTINA MARTINS DE SOUZA**

**INVESTIGAÇÕES SOBRE A LEITURA  
ESCOLAR BRASILEIRA: Funcionamento,  
necessidades e concepções teóricas**

**SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO – MG**

**2013**

**KELI CRISTINA MARTINS DE SOUZA**

**INVESTIGAÇÕES SOBRE A LEITURA  
ESCOLAR BRASILEIRA: Funcionamento,  
necessidades e concepções teóricas**

Monografia apresentada Faculdade  
Calafiori, como parte dos requisitos para  
obtenção do título de Licenciado(a) em  
Pedagogia.

Orientador: Prof. Ms Júlio César Machado

**SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO – MG**

**2013**

Dedico este trabalho a todas as pessoas que, assim como eu, têm coragem para recomeçar.

A minha amiga Eliana Donizete de Souza Terra, porque não teria ingressado no curso de pedagogia não fosse sua mão amiga.

Ao meu marido e filhos.

A minha mãe, amiga e colaboradora durante esses anos.

A minha amiga e professora Michelle Aparecida Pereira Lopez, exemplo de garra e determinação.

Ao meu orientador, Julio César Machado, pela sua dedicação e atenção e principalmente por acreditar em mim.

A leitura é muito mais do que decifrar palavras. Quem quiser parar pra ver pode até se surpreender: (...) vai ler nas nuvens do céu, vai ler na palma da mão, vai ler até nas estrelas e no som do coração. Uma arte que dá medo é a de ler um olhar, pois os olhos têm segredos difíceis de decifrar.

Azevedo (1999, p. 41-2)

## RESUMO

Tudo o que o ser humano aprende, sistemática ou assistematicamente, servirá para a construção do sentido em suas atividades do dia-a-dia. Rápidas e profundas mudanças que têm marcado diferentes domínios da sociedade exigem aos indivíduos competências que os tornem capazes de selecionar e absorver a multiplicidade de informações provenientes de uma grande diversidade de meios. Nesse contexto, podemos auferir que os hábitos de leitura favorecem o sucesso escolar e que, a escola pode e deve estimular a criação e o desenvolvimento de hábitos de leitura. Buscamos dar ênfase ao entrelace da teoria e da prática na perspectiva de vários teóricos como Lev Vyostsky, Mikhail Bakhtin e as inferências de suas teorias nos Parâmetros Curriculares Nacionais, bem como os ideais teóricos de autores como Emília Ferrero, Koch, Moran, Pennac, Rego, Sampaio e outros. Evidentemente que nosso propósito não foi resenhar as obras desses teóricos, senão dar respaldo à nossa pesquisa por meio de suas asseverações. O objetivo da presente pesquisa é investigar o funcionamento da leitura, em vários espaços, principalmente o escolar, os formatos do novo leitor e da nova leitura nos dias atuais, no Brasil. A fim de atingir os objetivos propostos será utilizada para a realização desta pesquisa revisão qualitativa de cunho bibliográfico, fazendo uso de livros, artigos e documentários que abordem o tema.

**Palavras chave:** Leitura; leitor; tecnologias.

## **ABSTRACT**

Everything the human being learns, systematic or not, can be used for the construction of meaning in their day-to-day. Rapid and profound changes that have marked different areas of society require individuals skills that will enable them to select and absorb the multitude of information from a wide variety of means. In this context, we can derive that the reading habits conducive to academic success and that the school can and should stimulate the creation and development of reading habits. We seek to emphasize the intertwining of theory and practice from the perspective of various theorists like Lev Vyostsky, Mikhail Bakhtin and the implications of his theories in the National Curriculum as well as the theoretical ideal of authors like Emily Ferrero, Koch, Moran, Pennac, Rego, Sampaio and others. Obviously, our purpose was not reviewing the works of these theorists, but to give support to our research through their assertions. The goal of this research is to investigate the operation of reading in several areas, especially the school, the new reader formats and new reading nowadays in Brazil. In order to achieve the proposed goals will be used for this research qualitative review of stamp literature, using books, articles and documentaries that address the topic.

**Keywords:** Reading; reader; technologies.

## SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO .....	8
2- O CONCEITO DE LEITURA .....	10
3- LEITOR DO SECULO XXI .....	11
4- FORMAÇÃO DE LEITORES: O PAPEL DA ESCOLA .....	13
5- OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E A LEITURA .....	17
5.1 OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E A FORMAÇÃO DE LEITORES .....	18
6- PCN, BAKHTIN E VYGOTSKY: ALGUMAS PONTUAÇÕES.....	21
6.1 PCN - CONCEPÇÕES PELO VIÉS DE BAKHTIN.....	22
6.2 PCN - CONCEPÇÕES DE VYGOTSKY .....	24
7-FORMAÇÃO DO LEITOR NO ENSINO FUNDAMENTAL E AS NOVAS TECNOLOGIAS .....	28
8-PERFIL DO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO DE HOJE – HABILIDADES E COMPETÊNCIAS RELACIONADOS À LEITURA.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	37

## 1- INTRODUÇÃO

O objetivo da presente pesquisa é investigar o funcionamento da leitura, em vários espaços, principalmente o escolar, os formatos do novo leitor e da nova leitura nos dias atuais, no Brasil.

A partir da observação dos alunos de 6º ano, de escolas públicas e privadas, ao participarem de um projeto denominado PROGRAMA CHUÁ, cujo objetivo é levar informações ao público escolar (todos os 6º anos, de escolas públicas e privadas) e conscientizar sobre a importância dos cuidados com a água, com a destinação adequada do lixo, higiene pessoal entre outros temas, importantes para a formação de cidadãos mais responsáveis e conscientes, surgiu a necessidade de se pesquisar sobre as novas práticas pedagógicas pertinentes ao momento, que busquem sanar as distâncias entre professor e aluno, no que tange especificamente à leitura, no sentido de refletir sobre as práticas educacionais deste novo milênio estarem sofrendo mudanças significativas por conta de impacto de novas tecnologias no processo de leitura, tanto nas escolas públicas quanto nas privadas. Observamos uma linguagem dinâmica e cotidiana (acessar, deletar, linkar, internet, download, virtualizar) entre os estudantes, e isso nos chamou a atenção. Qual seria o perfil desse novo leitor?

É comum observarmos uma certa preocupação de professores e estudiosos na área de linguagem, assim com de educadores em todo o mundo, no sentido de tentar desenvolver nos alunos o gosto pela leitura. A modernidade demanda que um leitor eficiente extrapole os limites do campo visual e seja capaz de inquirir na essência do texto conhecimentos que não estão nele explícitos, utilizando-se, para tal, de mecanismos mentais de recuperação, de resgate de mensagens armazenadas na memória de longo prazo e que, associadas ao seu conhecimento de mundo, permitam-lhe interagir com o que foi lido a fim de haver uma comunicação eficaz. Pesquisas nessa área discutem a importância de se realizar uma leitura que vá além do alcance dos olhos. Muito mais que decifrar os códigos utilizados para a emissão de uma mensagem escrita, ler implica compreensão daquilo que ultrapassa os limites da simples decodificação.



Nesse sentido, para atender as exigências do mundo atual, o processo educacional enfrenta um grande desafio: contribuir para a formação de indivíduos dotados de uma consciência social, emocionalmente equilibrados, com senso crítico, capazes de atuar individualmente e em equipe, capacitados para perceber oportunidades, criar soluções inovadoras e incorporar novas tecnologias.

A evolução da Tecnologia de Informação tem provocado mudanças na sociedade. O uso do computador tornou-se importante ferramenta nas mais diversas atividades profissionais e a Internet configurou-se como um canal de informação, entretenimento, comércio e comunicação. Diante da necessidade de adequação às novas exigências e da oportunidade de utilizar o computador como colaborador no processo educacional e da leitura, a informática vem sendo introduzida e utilizada nas escolas.

Nessa perspectiva, quais seriam os fatores e práticas pedagógicas que contribuiriam para a construção de um bom leitor e, portanto, de um bom escritor? Quem é o leitor do século XXI?

## 2- O CONCEITO DE LEITURA

Alguns autores da atualidade nos ajudam a aclarar sobre a designação e funcionamento da leitura. Por exemplo, Alice Ruiz (2006), quando diz que “Através da leitura, é possível apurar o olhar e enxergar o que parece invisível, mas está o tempo todo diante de nós”; e Rubem Alves (2007), ao afirmar que “a leitura nos leva por mundos que nunca existiram nem existirão, por espaços longínquos que nunca visitaremos. É desse mundo diferente, estranho ao nosso, que passamos a ver o mundo em que vivemos de uma outra forma”; e também Washington Olivetto (2006), ao ressaltar ainda que a leitura “é fundamental no aprendizado das diversas linguagens. Mais do que fonte de inspiração, ela alimenta e realimenta meu trabalho, fornece a vida que coloco naquilo que faço e devolvo através da mídia”.

A palavra *ler* apresenta muitos sentidos. O Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa (2009) oferece alguns:

- 1- Percorrer com a vista (texto, sintagma, palavra), interpretando-o por uma relação estabelecida entre as sequências dos sinais gráficos escritos (alfabéticos e ideográficos) e os sinais lingüísticos próprios de uma língua natural (fonemas, palavras, indicações gramaticais).
- 2- Ter acesso a (texto, obra, etc.) através de sistema de escrita, valendo-se de outro sentido que não o da visão.
- 3- Conhecer, através de exame mais ou menos extenso (o conteúdo de um texto, obra, etc.)
- 4- Dedicar-se, entregar-se à leitura como hábito ou como paixão.
- 5- Interpretar (idéia, conceito mais ou menos complexo ou pensamento de um autor, pensador, etc.); compreender.
- 6- Atribuir (significado, sentido ou forma) a (algo que se vê); interpretar.
- 7- Perceber, adivinhar, interpretar (sentimentos, pensamentos não formulados ou ocultos), guiando-se por indícios mais ou menos subjetivos, decifrar o que não se revela facilmente, o que está além do literal.
- 8- Deduzir guiando-se por indícios objetivos (alguma coisa não explícita, não declarada, mas indiretamente contestável); inferir.
- 9- Prever, resumir (algo), formular (hipóteses) a partir de dados objetivos, conjecturar.

Podemos pensar, então, na importância da leitura em nossa vida, a necessidade de se cultivar o hábito de leitura entre crianças e jovens, bem como o papel da escola na formação de leitores competentes.

### 3- LEITOR DO SECULO XXI

Na sociedade de um modo geral, na escola em particular, a leitura se mostra como uma atividade crucial e determinante na vida do indivíduo. Por isso, impõe-se uma renovada atenção ao ensino e à aprendizagem da leitura e da escrita, à sua promoção e desenvolvimento, muito para além da mera alfabetização.

Ao longo do século XX, a escola transformou o domínio da escrita no seu grande desafio, tendo como objetivo ensinar a escrever, ensinar a ler e a gostar de ler, aumentando progressivamente o interesse atribuído às capacidades de compreensão e produção da escrita. No entanto, com o surgimento de meios audiovisuais, principalmente a televisão, muitos pensaram que a escrita sofreria uma queda inigualável, levando-se em conta o poder de sedução da imagem. A ideia de podermos visualizar imediatamente aquilo que está acontecendo em qualquer parte do planeta, sem dúvida, revoluciona as sociedades.

Contradizendo esta tendência, o aparecimento de novas tecnologias da informação e comunicação trouxe de volta à escrita um novo protagonismo e ainda suportes: a tela dos computadores e do celular, por exemplo. Nesse contexto, ou seja, nesse novo contexto, observamos que a imagem cumpre um extraordinário papel, obviamente observando a função primordial da linguagem escrita desenvolvendo uma potenciação da leitura e da escrita e também, por conta de sermos confrontados com novas apresentações de textos, somos obrigados a realizar diferentes práticas de leitura. Em face da tendência das novas tecnologias monopolizarem os tempos de lazer com a leitura de livros, jornais e revistas, o sentido da leitura pode desnudar-se e empobrecer-se de acordo com os usos que se façam dela. Lemos para nos comunicarmos, conhecermos outras realidades, para nos informarmos, exercitarmos nossa imaginação, para aprendermos, para desfrutarmos. Há que se preocupar com o problema que as novas tecnologias podem trazer para a questão de procurarmos em primeiro lugar a diversão e não a aprendizagem, a profundidade sob a superficialidade e a reflexão e a crítica pessoal menos que o consumo passivo.

Com a revolução originada pelas novas tecnologias, acentuam-se os problemas associados à necessidade de dispor da formação, da competência e dos meios materiais para poder aceder a essa revolução cultural. O conhecimento muda e é democratizado mais rapidamente, mas continuam esses processos de formação, competência a serem exigidos. É preciso então que sejamos bons leitores, capazes de auferir conhecimentos onde somente obtemos informação.

É à escola que compete a formação do leitor do século XXI, que se confronta com desafios cada vez mais complexos. Ensinar a ler neste contexto implica todos os processos anteriores e, para além disso, ajudar o aluno a olhar criticamente para o que lê, preparando-o para oferecer informação, saber selecionar e organizar adequadamente essa informação e convertê-la em conhecimento. A Internet, por exemplo, pode proporcionar-nos um indiscutível avanço no uso da informação, com o poder que isso concede.

"Se não se ligar, a escola se desqualificará". Com esse título, uma revista Suplemento de Informática, de L'Hebdo, dezembro de 1997, p. 12, atribui a Patrick Mendelsohn, responsável pela unidade das tecnologias da formação na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra, duas declarações que merecem atenção:

As crianças nascem em uma cultura em que se clica, e o dever dos professores é inserir-se no universo de seus alunos. [...] Se a escola ministra um ensino que aparentemente não é mais útil para uso externo, corre um risco de desqualificação. Então como vocês querem que tenham confiança nela?

A escola não pode ignorar o que se passa no mundo. Utilizar a tecnologia no processo de ensino e aprendizagem é um requisito necessário. Com as novas tecnologias de informação e da comunicação, observamos que ocorre uma grande transformação diária nos meios de se trabalhar, de se decidir, pensar, criticar e comunicar-se. No entanto, o uso dessa tecnologia não é suficiente para desenvolver o conhecimento e as competências necessárias para a construção do conhecimento no século XXI.

#### 4- FORMAÇÃO DE LEITORES: O PAPEL DA ESCOLA

É preciso ser capaz de decodificar, atribuir significado às palavras para se ler fluentemente e a consequência disso é nos tornarmos por assim dizer, leitores, querendo ler. Há que se verificar duas condições: a vontade e competência leitora. Chama-nos a atenção que, muitas vezes, crianças e jovens demonstram enxergar à leitura uma imposição, isto porque durante a trajetória do aprender a ler, esta se faz difícil e penosa; desse modo, depois de se dominar a técnica, há uma acomodação e acabamos considerando o dever cumprido. As experiências de leitura devem ser agradáveis, fazerem sentido e, desse modo, é possível manter acesa a vontade de querer ler.

Por vezes observamos dentro da escola uma certa cobrança da responsabilidade atribuída também à família no sentido de formarmos leitores melhores. Fica evidente que o contexto da família e outros são de muita importância no desenvolvimento dos valores associados à leitura e à criação/ manutenção de hábitos, mas a escola não pode se desobrigar dessa responsabilidade que é extraordinariamente importante. Ainda mais se levarmos em conta que a escola para muitos é o único lugar onde se tem contato com os livros, tornando-se assim um espaço perfeito para a estruturação de uma identidade, de uma sociedade leitora cuja ação ultrapassará os limites escolares. O que determina um futuro leitor se expressa no modo como os contextos escolares e os indivíduos se encontram com os textos.

A escola e a leitura têm entre si uma ligação muito expressiva com o fato de que, por conta da ação da escola, os indivíduos se habilitam àquela capacidade. A leitura é um produto da escola e as outras modalidades verbais como a produção oral, por exemplo, é contraída e desenvolvida em situações do cotidiano, naturalmente. Por isso, “a escola pode e deve ser olhada em termos dos contextos de leitura em que introduz os alunos, quais ignora, que estilos estimula, que valores, hábitos e atitudes promove” (DIONÍSIO, 2000, p.50).

Na atualidade, de capitalismo puro, carimbada pela circulação da informação escrita através do acesso rápido das massas à novas tecnologias da comunicação, a

falta de competências no domínio e compreensão da leitura pelos indivíduos certamente dificultará a integração, a interação desses indivíduos na sociedade.

Sim-Sim (2006, p.14) diz que:

A globalização da informação passa, nos dias de hoje, por fruir do acesso a livros, jornais e computadores que nos ligam em rede, mas o acesso à informação não garante a globalização do conhecimento. Ainda que ao alcance da mão, se não cultivarmos a flexibilidade cognitiva e o sentido crítico, não saberemos usar as estratégias relevantes e eficazes que nos permitem selecionar a informação útil para enfrentar os problemas com que nos confrontamos no momento. É no desenvolvimento destas capacidades que a escola pode (e deve) jogar um papel determinante, ajudando o jovem a aceder à construção de conhecimento.

Entendemos assim que, perante a diversidade de informação que circula à nossa volta, importa, para além de saber procurar, ter a capacidade de saber selecionar, interiorizar para depois fazer dela um uso efetivo, ou seja, produzir conhecimento. É esse conhecimento, indissociável do ato de ler, que nos faz seres atuantes e pensantes nos diversos papéis que desempenhamos no dia-a-dia nesse tempo em que a disseminação de informação e avanços tecnológicos exigem um nível superior de leitura e também uma agilidade, uma velocidade de processar a informação recebida. Nesse contexto, a leitura on line e o acesso a Web solicitam do leitor velocidade e sentido crítico sem os quais a compreensão da informação e o conhecimento ficam comprometidos.

Assim, e como referem Martins e Sá (2008), no centro do atual debate sobre o papel da educação no desenvolvimento humano, deve estar a construção de um ensino orientado para a aquisição e desenvolvimento de competências transversais, particularmente no que se refere ao domínio da compreensão na leitura, para garantir o exercício de uma cidadania responsável e ativa.

Cabe à escola, então, desenvolver e possibilitar, os diversos tipos de letramentos escolares necessários para acessar, interpretar, criticar e participar de novas formas emergentes de cultura e sociedade.

Segundo Sobrino (2000, p.88,89):

Através da leitura, a criança pode facilmente interiorizar os valores da igualdade, da liberdade e da solidariedade. [...]. A sensibilização para os valores da democracia, a tolerância e o respeito mútuo, enquanto base da convivência, constituem também princípios que, sem esforço, o leitor vai descobrindo e assimilando através dos livros.

Hoje, observamos duas situações em que a escola tem sua amplitude indiscutivelmente importante: formar leitores e conseqüentemente excitar a criação do hábito de ler. É importante elucidar que tais situações se complementam.

Nesse contexto, entendemos, então, o ato de ler como uma ação libertadora, benévola, que fará o indivíduo desenvolver um olhar crítico sobre o mundo e sobre si mesmo. Com essa nova leitura de mundos o ato de ler passará de uma imposição para uma sedução, uma curiosidade gratificante pelo conhecimento, pelos pensamentos alheios de forma prazerosa, o que vai desencadear uma necessidade íntima de continuar a aprender com os outros, de maneira autônoma.

Como refere Balça (2000, p.298):

as preocupações relacionadas com a leitura, partilhadas pelos mais diversos autores e, no fundo, pela sociedade em geral, ocorrem na sequência de uma constatação vulgarizada de que as crianças e os jovens não leem, não gostam de ler, a leitura não é uma atividade que lhes dê prazer, a leitura não é uma atividade preferencial entre as desenvolvidas nos seus tempos livres.

Por outro lado, como afirma Escarpit (1999), à medida que os alunos avançam no nível de escolaridade, vão abandonando as leituras juvenis e nem sempre acedem de imediato às leituras adultas, sendo nesta fase que se perdem muitos leitores, limitando-se, muitas vezes a ler as obras de leitura obrigatória dos programas disciplinares. Este tipo de leitura no espaço escolar, condicionada por um tempo imposto, por princípios de avaliação e, frequentemente, por interpretações pré concebidas, não se coaduna com a privacidade que o ato da leitura pode implicar, onde predomina o ritmo individual e a intimidade que pode proporcionar o prazer na leitura.

Sobrino (2000, p. 30) afirma que “o principal valor da leitura é o prazer que proporciona a quem a pratica. Apenas com este objetivo ficaria plenamente justificada a criação de hábitos de leitura. Mas todos estamos conscientes do conjunto de repercussões positivas que deles decorrem”.

Morais (1997) afirma que muitas crianças já não gostam de ler depois dos nove ou dez anos, porque ler já não é uma aventura no imaginário, mas apenas um meio de satisfazer as exigências do sucesso. A leitura na escola ou para a escola transforma-se rapidamente, a partir do momento em que se atinge a idade de ser sério, numa leitura obrigatória, numa pura demonstração de conhecimento. O autor

defende que ler é, pelo contrário, “alimentar-se, respirar. É também voar. Ensinar a leitura é ao mesmo tempo formar a criança na técnica de voo, revelar-lhe este prazer e permitir que o mantenha”. (MORAIS, 1997, p.272).

Esta perspectiva é também salientada em Pennac (2000, p.59) ao asseverar que:

Ele continuará a ser um bom leitor se os adultos que o cercam alimentarem o seu entusiasmo em vez de tentarem provar a sua competência, se estimularem o seu desejo de aprender em lugar de lhe implorarem a obrigação de recitar, se o acompanharem no seu esforço sem esperarem contrapartidas, (...) se fizerem vibrar o presente sem acenar com a ameaça do futuro, se se recusarem a transformar em trabalho forçado o que era um prazer, se mantiverem esse prazer até se transformar em rotina, se edificarem essa rotina sobre a gratuidade da aprendizagem cultural, e se ele próprio descobrir o prazer dessa gratuidade.

Também Magalhães (2000, p.60) afirma que:

(...) pais, educadores, bibliotecários, somos em grande parte gente de uma outra época em que se julgava necessário levar a criança até ao livro. Tal atitude é irremediavelmente obsoleta nos nossos tempos. Devemos, sim, levar o livro à criança deixando de ser apenas conservadores e tornando-nos animadores da cultura literária

Sacristán (2008, p.109) defende que, se por um lado, o tempo de ler tem de ser permanente e universal para todos, se tem de se tornar um hábito de vida e, por outro lado, ler não interessa aos jovens, como se constata em numerosos estudos, será necessário reestruturar os espaços escolares, de modo que se gere um novo quadro de possibilidades, onde, segundo propõe o mesmo autor (2008, p.109):

- 1) se integre o lúdico com o trabalho baseado na leitura;
- 2) os espaços da leitura acolham outras atividades culturais;
- 3) seja possível praticar diversas funções de leitura;
- 4) se rompam as fronteiras entre espaços e tempos dedicados a certos modos especializados de ler ( na escola faz-se para aprender conteúdos, na biblioteca para consultar e no tempo livre para desfrutar):
- 5) aproveitando a riqueza e a variedade da informação nos seus diversos suportes;
- 6) fazendo dos lugares de leitura sítios atrativos para os jovens, sejam as aulas, as atividades extra-curriculares, a biblioteca.



## 5- OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E A LEITURA

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, doravante PCN (1998), a leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes, e conseqüentemente, desenvolvam a capacidade de produzir textos adequados, ortograficamente escritos, coerentes e coesos. Para isso, o leitor precisa de práticas constantes de leitura de diversos textos. O PCN (1998) nos instrui sobre o a leitura ser um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o autor, sobre o assunto e de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. Qualquer leitor experiente que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê: a leitura fluente envolve uma série de outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência. É o uso desses procedimentos que permite controlar o que vai sendo lido, tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, arriscar-se diante do desconhecido, buscar no texto a comprovação das suposições feitas, etc. Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade. Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente.

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), PCN, a leitura possui uma função de extrema importância no ensino-aprendizagem dos alunos, uma vez que, a partir do desenvolvimento da sua competência leitora, esse aluno poderá tornar-se proficiente em todas as disciplinas. Essa competência, por sua vez, será construída pelas práticas de leitura presentes dentro da sala de aula, com a finalidade de formar leitores e produtores de textos aptos para o manejo claro e definido de diversos gêneros textuais. Outro aspecto destacado pelos PCN (BRASIL, 1997) é que a escola deve se organizar em torno de uma política de formação de leitores no sentido de que todo professor, não apenas o de Língua Portuguesa, seja também professor de leitura. Trabalhar a leitura é tarefa de todos os professores, não só dos que lecionam Língua Portuguesa. A capacidade de entender e produzir textos é fundamental em qualquer disciplina, de Geografia até Matemática, por exemplo.

## 5.1 OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E A FORMAÇÃO DE LEITORES

De acordo com os PCN (BRASIL, 1997), no aprendizado inicial da leitura a primeira abordagem a ser excluída é aquela que vê a leitura simplesmente como decodificação de códigos. “Por conta desta concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de leitores capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler” (BRASIL, 1997, p. 42). Outro ponto crucial é que:

O conhecimento atualmente disponível a respeito do processo de leitura indica que não se deve ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação. Ao contrário, é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler usando os procedimentos que os bons leitores utilizam. É preciso que antecipem, que façam inferências a partir do contexto ou do conhecimento prévio que possuem, que verifiquem suas suposições — tanto em relação à escrita, propriamente, quanto ao significado. É disso que se está falando quando se diz que é preciso “aprender a ler, lendo”: de adquirir o conhecimento da correspondência fonográfica, de compreender a natureza e o funcionamento do sistema alfabético, dentro de uma prática ampla de leitura. Para aprender a ler, é preciso que o aluno se defronte com os escritos que utilizaria se soubesse mesmo ler — com os textos de verdade, portanto. Os materiais feitos exclusivamente para ensinar a ler não são bons para aprender a ler: têm

servido apenas para ensinar a decodificar, contribuindo para que o aluno construa uma visão empobrecida da leitura. (BRASIL, 1997, p. 42)

Somente uma ampla prática de leitura promoverá um resultado eficiente, pelo contato constante com os mais diversos tipos de textos. Nesta perspectiva, a escola precisa mostrar aos alunos que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que se conquistado plenamente dará autonomia e independência. Enfim, formar leitores é promover condições favoráveis para a prática de leitura, uma vez que o uso que se faz dos materiais impressos e dos livros não se limitem apenas aos recursos materiais, estes serão o enfoque mais decisivo para o desenvolvimento da prática e principalmente do gosto pela leitura. Segundo os PCNs (BRASIL, 1997), algumas dessas condições seriam manter na escola uma boa biblioteca, nos ciclos iniciais, termos um acervo de classe com livros e outros materiais de leitura; organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia.

Para os alunos não acostumados com a participação em atos de leitura, que não conhecem o valor que possui, é fundamental ver seu professor envolvido com a leitura e com o que conquista por meio dela. Ver alguém seduzido pelo que faz pode despertar o desejo de fazer também; planejar as atividades diárias garantindo que as de leitura tenham a mesma importância que as demais; possibilitar aos alunos a escolha de suas leituras. Fora da escola, o autor, a obra ou o gênero são decisões do leitor. Tanto quanto for possível, é necessário que isso se preserve na escola; garantir que os alunos não sejam importunados durante os momentos de leitura com perguntas sobre o que estão achando, se estão entendendo e outras questões; possibilitar aos alunos o empréstimo de livros na escola. Bons textos podem ter o poder de provocar momentos de leitura junto com outras pessoas da casa — principalmente quando se trata de histórias tradicionais já conhecidas; quando houver oportunidade de sugerir títulos para serem adquiridos pelos alunos, optar sempre pela variedade: é infinitamente mais interessante que haja na classe, por exemplo, 35 diferentes livros — o que já compõe uma biblioteca de classe — do que 35 livros iguais. No primeiro caso, o aluno tem oportunidade de ler 35 títulos, no segundo apenas um; construir na escola uma política de formação de leitores na qual todos possam contribuir com sugestões para desenvolver uma prática constante de leitura que envolva o conjunto da unidade escolar.

Ainda segundo as condições descritas pelos PCN, para a formação de leitores são necessárias propostas didáticas orientadas especificamente para torná-los leitores. Nesse sentido, sugere: leitura diária, leitura colaborativa, projetos de leituras, atividades sequenciadas de leitura, atividades permanentes de leitura e leitura feita pelo professor. Afinal, “uma prática intensa de leitura na escola é, sobretudo, necessária, porque ler ensina a ler e escrever”. (BRASIL, 1997, p. 65)

Ter habilidade para ler, nos dias atuais, significa muito mais que ser capaz de decodificar um texto. Espera-se de um leitor eficiente a competência de executar uma gama de tarefas utilizando diferentes tipos de texto que não se restrinjam a trechos de livros conhecidos e textos contínuos, mas abranjam listas, formulários, gráficos e diagramas, entre outras tipologias.

## 6- PCN, BAKHTIN E VYGOTSKY: ALGUMAS PONTUAÇÕES

Com os ideais de Mikhail Mikhailovitch Bakhtin (1895-1975) e Lev Semyonovitch Vygotsky (1896-1934) a educação contemporânea obteve uma visão mais socializada da sala de aula. Vastos materiais didáticos, até hoje, respaldam-se em suas literaturas. Nesse contexto, o aluno passou a ser visto como agente ativo na construção do conhecimento, e teve sua presença sócio-historicamente valorizada dentro do contexto maior de sala de aula. Passou-se a considerar que cada palavra dita tem um valor ideológico, conforme as bases destas teorias, através do qual podemos conhecer alunos e professores.

O posicionamento dialético de Vygotsky e de Bakhtin contribuiu imensamente para o ideal democrático que se pretendeu e se pretende nas escolas, a partir da década de 80, e para a noção de que, segundo Souza (2000, p. 103), “a verdade não se encontra no interior de uma única pessoa, mas está em processo de interação dialógica entre pessoas que a procuram coletivamente”. A realidade passa a ser composta por múltiplas vozes, ou seja, de modo polifônico e que se encontram durante as interações sociais. Na relação professor/aluno, enquanto aquele perde seu papel autoritário e de detentor do saber, esse passa a vivenciar ativamente seu conhecimento.

A posição de Bakhtin e Vygotsky funda-se essencialmente na nova visão de ser humano, enquanto ser ativo e operante. As influências de ambos os pensadores devem ser vistas não como bases teóricas pedagógicas de aprendizagem, mas sim como subsídios para a instituição de uma educação mais significativa para cada participante da interação no contexto escolar, no tocante ao que postulamos sobre uma leitura dialética e proficiente.

Não é nosso propósito aqui resenhar as obras desses dois teóricos, senão dar respaldo à nossa pesquisa por meio de suas asseverações.

## 6.1 PCN - CONCEPÇÕES PELO VIÉS DE BAKHTIN

Uma das estratégias capaz de potencializar a leitura é a exploração dos gêneros, tais como os apresentados por Bakhtin (2003).

Atualmente, faz-se necessário buscar meios de diagnosticar e compreender práticas pedagógicas que foquem a leitura, buscando condições de transformá-las e adequá-las à necessidade neoliberal de uma pedagogia que eduque o indivíduo para se adaptar as constantes mudanças no processo de produção flexível capitalista globalizado. “Cabe ao campo educacional propiciar aos alunos as capacidades de vivenciar as diferentes formas de inserção sociopolítica e cultural” (BRASIL, 2000, p.34). Tais aspectos sociopolíticos otimizam a leitura do discente.

Na sala de aula, quando fazemos uso de tema diferenciado, podemos fazer uma associação a diferentes gêneros no processo de interação pela linguagem. Quando se aborda determinado tema, por exemplo, o aquecimento global, tão pertinente nos dias atuais, se busca informações não somente nas páginas da internet, mas também em jornais, revistas, programas de televisão e outros gêneros. Dessa maneira, o aluno vai aprender com o exercício do gênero e em torno dele, assim como os elementos enunciativos que os gêneros contêm, além de aprender um pouco mais sobre as questões ambientais. Segundo Koch (2002, p. 53): “a competência sociocomunicativa dos falantes/ouvintes leva-os à detecção do que é adequado ou inadequado em cada uma das práticas sociais”.

Destacamos Bakhtin (2003) como o primeiro pesquisador a empregar a palavra gêneros com um sentido mais amplo, referindo-se às situações cotidianas de comunicação, visando à formulação da teoria do enunciado. Para o professor, a interação é a manifestação da ideologia e mostra os diferentes pontos de vista daqueles que interagem significando suas realidades. Vale assinalar, todavia, que a concepção de gênero de Bakhtin não é isolada, pois como qualquer outro produto da interação social, os gêneros estão sujeitos a mudanças, decorrentes não só das transformações histórico-sociais, mas oriundas de novos procedimentos de organização, de espaço-tempo e dos fenômenos sociais da época. Em diferentes contextos, por meio da linguagem, (inter) agimos em situações imediatas (contextos situacionais) e amplos (culturais); construindo ou transformando nossa realidade social e participando de práticas socioculturais e nessas práticas estão implícitos os

gêneros do discurso. Desse modo, alunos e professores utilizam no cotidiano e, a todo o momento de comunicação, gêneros do discurso que são adequados para aquele instante de enunciação, que em muitos casos já foram mediados pela família ou pela sociedade.

Gêneros fazem parte de estruturas sociais organizadas. A sociedade se comunica e interage por meio de gêneros. Bakhtin (2000, p. 279) discute que “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”. Em outras palavras, é procurar estabelecer na dinâmica dos gêneros, sua constituição sociofuncional por meio das diferentes esferas sociais da qual faz parte. Bakhtin (2000, p. 279) defende que “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos de gêneros do discurso”.

Sob a perspectiva sociodialógica da linguagem (Bakhtin, 1981), podemos perceber a relação de gêneros com esferas sociais e sua construção por meio de enunciados relativamente estáveis que se tipificam na interação por meio da estabilização dos índices de totalidade do enunciado. Segundo Bakhtin (1981, p. 299), a totalidade de acabamento do enunciado é determinada por três fatores indissociavelmente ligados ao todo orgânico do enunciado: 1) o tratamento exaustivo do objeto de sentido; 2) o intuito, o querer-dizer do locutor; 3) as formas típicas de estruturação do gênero do acabamento. Bakhtin (idem), parte da tese que todo gênero se compõe de tema (objeto de sentido), estilo (intuito) e composicionalidade (estruturação típica) que procuram, em relação dialógica, por meio de enunciados na interação em uma dada esfera social, construir gêneros que possam atribuir sentido nas “condições e situações variadas de comunicação”, (Bakhtin, 1981, p. 294) e atender ao critério dito como mais importante do enunciado – a atitude responsiva.

No ensino de língua materna podemos refletir que, ao considerar essa competência comunicativa, conhecendo os gêneros textuais a serem usados na comunicação, o aluno é capaz de perceber que há um conteúdo temático presente na enunciação que poderíamos dizer que seja o “assunto”, o estilo – que são as escolhas léxico-gramaticais – e a construção estrutural, que corresponde aos arranjos organizacionais do discurso/texto, realizados por quem enuncia. Essa mesma competência leva ainda à diferenciação de determinados gêneros discursivos, como saber se está perante uma anedota, um poema, um enigma, uma explicação.

Atualmente, é primordial que o aluno saiba distinguir os diferentes tipos de texto, como por exemplo, um texto narrativo, dissertativo, descritivo, argumentativo e outros, para ingressar uma dimensão crítico-reflexiva que exige um hábito proficiente de leitura e escrita.

Ressalva-se ainda que os PCN (1998, p. 41 e 42) atestam a importância dos gêneros para a proficiência da leitura.

A esse respeito, Koch (2008, p. 53) reflete que: “O contato com os textos da vida cotidiana, como anúncios, avisos de toda a ordem, artigos de jornais, catálogos, receitas médicas, prospectos, guias turísticos, literatura de apoio à manipulação de máquinas, etc, exercita a nossa capacidade metatextual para a construção e inteligência de textos”.

Em sala de aula, quando se trabalha pela perspectiva dos gêneros, aprimora-se a capacidade de leitura do aluno, assim como também diversifica, amplia e enriquece a capacidade de se produzir textos.

Historicamente surgem novas necessidades de interação verbal e diferentes modalidades textuais estimulam e ampliam a competência discursiva e linguística dos alunos.

O ensino sob a perspectiva dos gêneros seria uma forma concreta de interação entre as mais diversas modalidades, estruturas e funcionamento da língua materna, considerando as diferentes necessidades, a faixa etária, o grau de maturidade dos alunos e a área temática de seus interesses.

A título de ilustração, podemos elencar os seguintes gêneros tradicionais: gibis, contos de fadas, revistas etc. Mas os gêneros pós-modernos também merecem destaque, pelo seu caráter tecnológico e digital/virtual, por exemplo: blogs, e-mails, conversas de celular, chats etc. Devido à incompatibilidade da idade, os docentes com maior idade não dominam esses gêneros, excluindo-os das aulas.

## 6.2 PCN - CONCEPÇÕES DE VYGOTSKY

No Brasil, assim como em diversas partes do mundo, a obra do psicólogo bielorusso Lev Vygotsky que morreu há 74 anos, ainda está em pleno processo de descoberta e debate. Acredita Teresa Rego, professora da Faculdade de Educação



da Universidade de São Paulo, que ele tenha sido um pensador complexo e tenha tocado em vários pontos críticos da pedagogia contemporânea.

Segundo Vygotsky (1984), aprendizado e desenvolvimento se relacionam de maneira complexa e dinâmica. Isso se dá de tal forma que a aprendizagem converte-se em desenvolvimento no decorrer da vida social da criança. O primeiro contato da criança com novas atividades, habilidades ou informações deve ter a participação de um adulto. Ao internalizar um procedimento, a criança “se apropria” dele, tornando-o voluntário e independente.

Dessa forma, Vygotsky via que entre o conhecimento já adquirido e o que poderia ser dominado pela criança num futuro próximo com a ajuda de outros colegas mais capazes e/ou um adulto, existia uma zona intermediária que ele denomina de zona de desenvolvimento proximal. Ou seja, sendo a aprendizagem anterior ao desenvolvimento, esse por sua vez só se dá a partir do momento em que novas aprendizagens forem sendo conseguidas, num processo ininterrupto de aquisição e superação de obstáculos, de forma constante e dialética. Assim, “a zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão” (VYGOTSKY, 1984, p. 97). Desse modo, o aprendizado não se subordina totalmente ao desenvolvimento das estruturas intelectuais da criança, mas um se alimenta do outro, provocando saltos de nível de conhecimento. Neste contexto, Vygotsky apresenta o conceito Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP):

A zona de desenvolvimento proximal da criança é a distância entre seu desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas e o nível de seu desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 1998, p.113).

Em outras palavras, a zona de desenvolvimento proximal (ou ZDP), é o caminho entre o que a criança consegue fazer sozinha e o que ela está perto de conseguir fazer sozinha. Saber identificar essas duas capacidades e trabalhar o percurso de cada aluno entre ambas são as duas principais habilidades que um professor precisa ter, segundo VYGOTSKY (1984)

O professor pode interferir no processo de aprendizagem do aluno e contribuir para a transmissão do conhecimento.

Nos PCN (1998, p.47) “A Mediação do Professor no Trabalho com a Linguagem” podemos ver uma ligação explícita do PCN com o conceito de ZDP em Vygotsky. Aqui, os PCN apresentam várias exposições sobre a importância da mediação do professor no ensino de língua. O ensino, para Vygotsky, deve se antecipar ao que o aluno ainda não sabe nem é capaz de aprender sozinho, porque, na relação entre aprendizado e desenvolvimento, o aprendizado vem antes.

No trecho a seguir, fica evidente o cuidado com a incidência do ensino sobre a ZDP:

Ao organizar o ensino, é fundamental que o professor tenha instrumentos para descrever a competência discursiva de seus alunos, [...] sob pena de ensinar o que os alunos já sabem ou apresentar situações muito aquém de suas possibilidades e, dessa forma, não contribuir para o avanço necessário (PCN, 1998, p. 48).

Em diversos trechos do PCN, como por exemplo, nos subtítulos “Objetivos de ensino”, “Tratamento didático dos conteúdos”, podemos auferir os pensamentos “Vygotskyanos” e em um último fragmento, fica claro o conceito de que a ZDP é de grande importância para os PCN:

Nessas situações, o aluno deve pôr em jogo tudo o que sabe para descobrir o que não sabe. Essa atividade só poderá ocorrer com a intervenção do professor, que deverá colocar-se na situação de principal parceiro, favorecendo a circulação de informações. (PCN, 1998, p. 70)

Os conceitos de Vygotsky tem uma forte junção com os PCN. Para Freitas (2000) o professor “vygotskyano”, é aquele que, detendo mais experiência, funciona intervindo e mediando a relação do aluno com o conhecimento. Ele está sempre, em seu esforço pedagógico, procurando criar Zonas de Desenvolvimento Proximal (ZDP's), isto é, atuando como elemento de intervenção, de ajuda. Na ZDP, o professor atua de forma explícita, interferindo no desenvolvimento dos alunos, provocando avanços que não ocorreriam espontaneamente. Vygotsky, dessa forma, resgata a importância da escola e do papel do professor como agentes indispensáveis do processo de ensino-aprendizagem.

Observamos, assim, após essa breve análise, a discussão nas perspectivas teóricas de Vygotsky (1998) e Bakhtin (1981), na visão sócio-histórica de

conhecimento e da sala de aula, em que o outro exerce papel fundamental e que as ideias desses pensadores russos muito contribuíram para o desenvolvimento de uma nova pedagogia, para uma nova forma de se entender o processo de ensino e aprendizagem, enquanto sustento da leitura, e que muito ainda precisa ser aplicado, para se atingir o alvo de uma leitura crítico-reflexiva ou proficiente, dependente de ações hierárquico-governamentais, mas também de iniciativas docentes a ela atreladas.

## 7- FORMAÇÃO DO LEITOR NO ENSINO FUNDAMENTAL E AS NOVAS TECNOLOGIAS

A educação é a base do desenvolvimento. Esse é o discurso da sociedade de um modo geral. No entanto, as iniciativas das ações exibem um cenário de exclusão.

Sant`Anna narra um episódio sobre a leitura, no qual a prática não condiz com o discurso.

Dos seis ministros da Cultura com que convivi, um dia disse claramente numa reunião dentro do Ministério, para que todos ouvissem, que leitura não era um assunto prioritário no meu ministério, esse é um assunto para o Ministério da Educação. (SANT`ANA, 1999, p. 15)

É possível constatar que a leitura, até para nossos governantes é um dúvida, um engano. Na linha da ignorância, aqui denominada como analfabetismo funcional, (denominação dada à pessoa que mesmo com a capacidade de decodificar minimamente as letras, frases e sentenças não desenvolve a habilidade de interpretação de textos) está também a vinculação da leitura ao poder que de certo modo, tem uma exterioridade um tanto quanto gananciosa para o homem.

A leitura é a base dos professores para desenvolver um bom trabalho pedagógico. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa afirmam que a leitura é a porta de entrada para o acesso a outras formas de conhecimento. “Uma prática intensa de leitura na escola é, sobretudo, necessária, porque ler ensina a ler e a escrever.” (Brasil, 1998, p. 65)

Escrever o nome e ter o domínio dos códigos alfabéticos, utilizando-os para a formulação de textos, não significa que a pessoa seja alfabetizada.

Numa palestra em São Paulo, no auditório do Museu de Arte de São Paulo (MASP), em 26 de outubro de 2006, promovida pelo Centro de Estudos da Escola da Vila, Emília Ferreiro fala sobre a cultura letrada que para ela, que é estudiosa da linguagem e autora de livros como “Psicogênese da Língua Escrita (1979)”, “Reflexões sobre Alfabetização (1981)” e “Passado e Presente dos verbos Ler e Escrever” (2001), entre outros, há novos desafios na definição do leitor do século XXI. Isso porque a cultura letrada está presente de diversas formas nas novas

tecnologias. “Graças às novas tecnologias, talvez seja mais fácil introduzir a criança à cultura letrada” (FERREIRO, 2006, s.p). Na Internet, encontramos todo tipo de texto, podemos consultar os clássicos da literatura, temos acesso às mais importantes bibliotecas do mundo, temos a versão on-line dos mais importantes jornais e revistas do mundo. “As novas tecnologias são muito poderosas e não tem sentido perguntar se são boas ou más, se servem ou não. A cada dia há mais escolas conectadas em rede, tudo indica que o acesso à Internet vai se proliferar como aconteceu com o celular,” (FERREIRO, 2006, s.p) completou. Outro aspecto que a estudiosa ressaltou foi a revisão de textos (próprios ou de outros) que, segundo afirmou, ajuda a formar um produtor autônomo. “Na escola tradicional, o revisor é o professor, por isso, a socialização do revisor é essencial. Quanto mais alguém escreve mais consciente fica da necessidade de revisar”. (FERREIRO, 2006, s.p)

A dinâmica oferecida pela tecnologia atrai o público, principalmente o discente que tem a necessidade de ser primeiramente atraído pelo texto, através de ilustrações e ou sonoridade. Outro aspecto a ser considerado é que as facilidades que a tecnologia oferece oportuniza ao professor inúmeras possibilidades para o preparo de suas aulas. A triagem de informações é a base para escolha e só se pode escolher quando são oferecidas opções.

Silva (2005) diz sobre a necessidade de a escola utilizar a tecnologia como parceira:

Se a escola não inclui a internet na educação das novas gerações, ela está na contramão da história, alheia ao espírito do tempo e, criminosamente, produzindo a exclusão social ou a exclusão da cibercultura. (SILVA, 2005, p. 63)

A Cibercultura, segundo Lemos (2004), é a cultura contemporânea associada às tecnologias digitais (ciberespaço, simulação, tempo real, processos de virtualização, etc.), que cria uma nova relação entre a técnica e a vida social. Seu nascimento acontece na década de 1950 com a informática e a cibernética e inicia sua popularização com o surgimento do microcomputador, segue em expansão nas décadas de 1980 – informática de massa – e 1990 – *boom* da internet. Assim sendo, faz-se necessário que também se fale da Cibermídia.

Araújo (2005, p. 2) conceitua Cibermídia:

[...] como conjunto de mídias digitais em ambientes híbridos fixos ou móveis, constituídos pelo hardware e software, significando o computador fixo e todos os seus aplicativos e interfaces, incluindo a www e a internet, os browsers de navegação, os CD-Roms, e as interfaces externas, como a telefonia celular móvel, as tecnologias wireless, e até mesmo os ciber centros e lan houses. O conjunto de servidores de informação, em regime de conectividade, que segue os princípios do hipertexto, se denomina “www”, ou seja, world wide web no sentido de teia, rede. A cibermídia é uma teia ainda mais abrangente, não só interna ao hardware, mas também linkada a interfaces externas. A concepção do termo “teia” remete ao imaginário popular, de aranhas tecendo seus fios, múltiplos, díspares, mas interconectados. A estrutura do rizoma, com seus platôs e linhas de fuga, se assemelha a uma teia, não tendo um único caminho possível, mas muitos, clicados por ações que refletem pensamentos que, como o rizoma, não são só lineares nem controláveis em todas as instâncias.

Assim, entendemos que as práticas educacionais da nossa Era exigem uma ordem mais dinâmica e um método de ensino transdisciplinar que possa nos conduzir a refletir, ao mesmo tempo, global e localmente. A esse respeito autores defendem que a prática educacional atual:

Envolve o domínio contínuo e crescente das tecnologias que estão na escola e na sociedade, mediante o relacionamento crítico com elas. Este domínio se traduz em uma percepção do papel das tecnologias na organização do mundo atual – no que se refere a aspectos locais e globais – e na capacidade do/a professor/a em lidar com essas diversas tecnologias, interpretando sua linguagem e criando novas formas de expressão, além de distinguir como, quando e por que são importantes e devem ser utilizadas no processo educativo (SAMPAIO; LEITE, 2003, p. 100).

Moran (2008) também afirma que nem tudo que se encontra no mundo virtual pode ser bom, mas que a manipulação é o que dá condições de o leitor aprender se é ou não. Ressalta ainda que estar no mundo virtual não garante que temos acesso a informações de qualidade. Importante lembrar que, ao estarmos em ambiente virtual, a possibilidade de aprender e atualizar-se é imensa. Isso, sem dúvida, embora muitas vezes nos cause uma certa ansiedade e confusão, é providencial, pois temos hoje a possibilidade de pesquisarmos em grandes bibliotecas especializadas das melhores universidades do mundo sem sairmos de nossa casa. O que antes da internet era impossível.

Diante do exposto, a Internet constitui-se em uma tecnologia com diversos dispositivos que transformam os seres, os saberes e os poderes. A Cibercultura e

Cibermídia são entendidas como práticas discursivas e subjetivas que segundo Momesso (2010), (re)constroem os saberes e os poderes contemporâneos.

É óbvio afirmar que a leitura é indissociável do ofício pedagógico. Mais previsível ainda é contar com ela diariamente na sala de aula. Sabemos que a função social da escrita é uma das responsabilidades da escola e, em consequência disso, vem a leitura. Assim sendo, a escola se torna um espaço privilegiado para esse incentivo e os professores tornam-se os principais agentes.

Mas de que forma a escola pode “alimentar” o gosto pela leitura? O que fazer, uma vez que a o hábito da leitura, segundo a UNESCO, está associada a alguns fatores, tais como o de ter nascido numa família de leitores, ter passado num sistema escolar preocupado com o hábito de leitura, a acessibilidade ao livro e o valor que a população lhe atribui?

Nesses últimos anos, a escola pública brasileira tem buscado melhorias nas suas condições. A implantação da informática e a compra de livros pelo governo vêm aumentando e tomando espaço na escola e, como ela é uma instituição sistemática, o professores assumem uma função extremamente importante e decisiva: a promoção.

Para isso, há de se considerar o interesse e o estágio de capacidade de leitura do leitor. O respeito aos direitos de quem lê como o de escolher o que quer ler, o de reler, o de ler em qualquer lugar ou até mesmo o de não ler, também torna o ato de ler valorizado. Cria um vínculo indissociável, em que a leitura passa a atrair o leitor e da qual, por sua vez, este não deseja desprender-se.

A escola é um espaço privilegiado para facilitar o acesso de livros aos alunos, porém a criação de estratégias para incentivá-los a tomarem o gosto pela leitura faz parte do ofício docente.

Sabemos que a variedade dinâmica de portadores de textos disponibilizados pela Internet e contemplados pela tecnologia digital contribui para ampliação do interesse de qualquer público. No entanto, filtrar todo o universo virtual é uma missão que só se faz valer se o leitor souber definir critérios para a seleção do que vai ler. E a vivência em inúmeras situações de leitura permite definir qual gênero ler, se conhecer as características individuais de cada um.

A oportunidade de ler está vinculada à disponibilidade e à variedade de livros e, com o advento da Internet, ampliou-se o universo da matéria escrita. Assim sendo, podemos crer que a tecnologia afeta a educação profundamente e não pode

ser ignorada, pois ela está presente no cotidiano de grande parte das pessoas. Portanto, o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no contexto escolar, constitui elemento estimulador para as práticas leitoras.



## **8 PERFIL DO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO DE HOJE – HABILIDADES E COMPETÊNCIAS RELACIONADAS À LEITURA**

Nos últimos anos, a discussão sobre o trabalho de leitura e escrita na escola suscita algumas questões sobre o papel de um dos protagonistas do processo que nos interessa investigar: o professor.

Durante muito tempo, escreveu-se sobre as competências do professor para esta nova realidade que se abria com o mundo da globalização. Para conseguir entender as novas linguagens e a comunicação dos jovens, que não se limitam ao texto escrito e impresso, o profissional da educação deve buscar diversificar seus saberes para mergulhar numa nova concepção de comunicação, de informação, de tempo e espaço. Nesse contexto, A educação é descrita por Moran (2009) como a colaboração entre professores e alunos nas escolas e organizações de forma que suas vidas sejam transformadas em processos permanentes de aprendizagem. Ajudando os alunos na construção da sua identidade, no caminho pessoal e profissional, no desenvolvimento das habilidades de compreensão, emoção e comunicação, tornando-os capazes de encontrar seus espaços pessoais, sociais e de trabalho, transformando-os em cidadãos realizados e produtivos.

Segundo Moran (2009), nas organizações educacionais ou empresariais, é preciso que se busque equilíbrio entre a flexibilidade e a organização. Flexibilidade que está ligada diretamente com o conceito de liberdade e que nos induz à procura de adaptação às diferenças individuais, respeitando os vários ritmos de aprendizagem e integrando as diferenças locais e contextos culturais. Nas organizações, busca-se gerenciar as divergências como tempo e conteúdo em virtude de haver maior rigidez e normas. Com o desejo de progresso, podemos transformar a sala de aula em uma comunidade de pesquisa buscando adaptar os programas previstos às necessidades dos alunos e com isso conectarmos diretamente o cotidiano e o inesperado. Dessa maneira Moran, (2009), nos apresenta diferentes formas de ensinar para pessoas diferentes.

Partindo do princípio de que ensinar e aprender hoje exige uma maior flexibilidade de espaço e tempo, defende-se a ideia de menor quantidade de

conteúdos fixos e processos de pesquisa mais abertos. Como existem muitas informações disponíveis, temos uma grande dificuldade em escolher quais são significativas para integrá-las à nossa mente e da nossa vida. O professor, então não é o detentor do saber e a aquisição à informação dos dados dependerá cada vez mais de processos complexos, o que obrigatoriamente não significa “difícil”. As tecnologias podem trazer, hoje, imagens, resumos de forma rápida e atraente, cabendo ao professor ajudar o aluno a interpretar esses dados, para incorporar a real significação que essa informação tem para ele. Segundo Moran (2009), o aluno precisa estar “maduro” para que a informação faça parte do seu contexto pessoal; caso contrário, ela não será aprendida verdadeiramente.

Assim, o professor torna-se mais um ator que procura ajudar a que cada um consiga avançar no processo de aprender. No entanto, existem os limites do conteúdo programático, do tempo de aula, das normas legais. A personalidade do professor é decisiva para o bom êxito do ensino-aprendizagem, mas muitos ainda não sabem explorar todas as potencialidades da interação. Moran (2009) defende que os professores necessitam adaptar suas metodologias e técnicas de comunicação devido ao fato de que, segundo ele, não podemos dar aulas com o mesmo formato para grupos com motivações diferentes.

O que esperamos de um professor, segundo Moran (2009), é primordialmente que seja competente na sua especialidade, que esteja atualizado, que conheça a matéria. Assim sendo, que esteja atento à maneira de se comunicar com seus alunos. Que saiba comunicar-se, promovendo um entrosamento cooperativo, produtivo e motivador.

Reconhecemos que o trabalho docente não se trata de uma atividade fácil, mas sabemos também que é necessário ao professor reavaliar seu papel, reconhecendo-se como agente importante na formação do aluno leitor. Ressaltamos que essa reflexão não pode ser um ato solitário: toda a comunidade escolar deve engajar-se na meta de incentivar o aluno a ser, de fato, um leitor. Segundo Nóvoa (2002, p. 23), “o aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente” .

Os docentes devem se atentar para os paradigmas convencionais do ensino e para a distância que os mesmos podem provocar entre o professor e seus alunos no que tange ao uso das mídias em práticas pedagógicas para formação de leitores.

Defende Moran (2009) que a internet, como meio de comunicação, ajuda-nos a rever, ampliar e a modificar as várias formas de ensinar e aprender. Nesse contexto, o professor torna-se o elo de ligação entre o mundo da escrita com o mundo contemporâneo digital, aprendendo e ensinando com seu conhecimento do universo impresso. É dele, o professor, a capacidade de promover a ruptura na adesão eufórica e acrítica dos alunos com o uso de mídias e novas tecnologias. Mostrando que a escrita gerou a internet como um invento tecnológico, mas também como um invento cultural com a imensa possibilidade de formar e construir sujeitos históricos livres. Sujeitos esses que podem sempre escrever suas próprias histórias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tudo o que o ser humano aprende, sistemática ou assistematicamente, servirá para a construção do sentido em suas atividades do dia-a-dia. Nesse contexto, podemos auferir que os hábitos de leitura favorecem o sucesso escolar e que a escola pode e deve estimular a criação e o desenvolvimento de hábitos de leitura. Isso nos leva a concluir que há necessidade de que as escolas repensem a formação de seus alunos no que concerne à atividade de leitura. E, para que isso ocorra, é necessário que o professor esteja suficientemente instrumentalizado, que esteja dotado de melhor embasamento teórico sobre como formar um aluno leitor e, acima de tudo, que esteja disposto a realizar mudanças em si mesmo e em sua prática pedagógica. Contudo, consideramos que a eficácia do ensino da leitura pode e deve ser melhorada, tendo em conta que a leitura contribui para o sucesso educativo.

Nosso trabalho foi importante por nos propiciar a visão de que é essencial em nossa prática docente ter a convicção de que, como docentes críticos, cabe-nos estimular no aluno o seu poder de criação, imaginação e inovação, respeitando sua forma de aprender não linear e demais habilidades e competências que, como discente da era digital, possui e que devemos nos apropriar das tecnologias digitais e utilizá-las com nossos alunos (e conosco mesmos) numa perspectiva de construção de conhecimento, de aprendizagens significativas na formação dos leitores na era digital. Para concluir, resta-nos afirmar que a realização deste estudo constituiu um momento estimulante de desafio.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. **A leitura como puro prazer**. Disponível em: <[http://www.revistadacultura.com.br:8090/revista/N153/edicao/htm/mat\\_05.htm](http://www.revistadacultura.com.br:8090/revista/N153/edicao/htm/mat_05.htm)> Acesso em 01 dez. 2012

ANDRADE, M. M.; HENRIQUES, A.. **Língua portuguesa: noções básicas para cursos superiores**. São Paulo: Atlas, 2004.

ARAÚJO, D. C. **Hipertrópole digital: a cibermídia como cidade rizomática**. In: XIV Encontro Anual da COMPOS: XIV Encontro Anual da COMPOS, 1, Niterói, p. 1-12, Impresso, 2005.

AZEVEDO, R.. **Dezenove poemas desengonçados**. São Paulo: Ática, 1999.

BALÇA, Â. C. **Leitura e leituras: um estudo com alunos do ensino secundário**. *Actas del II Congresso de Literatura Infantil e Juvenil*. pp. 297-203. Mérida: Editora Reginal de Extremadura. 2000.

BAKHTIN, M. **Os Gêneros do Discurso**. In: BAKHTIN, M. *A Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 279-326.

\_\_\_\_\_. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003

\_\_\_\_\_. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.

**BRASIL**. Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004. Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior - SINAES e dá outras Providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 15 abr. 2004. Seção 1, p. 3.

**BRASIL**. Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília/DF: MEC/SEF. 1998.

**BRASIL.** Lei nº 9.394. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 1996.

**BRASIL.** Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 2000.

**BRASIL.** Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros curriculares nacionais : Língua Portuguesa (1a à 4a série). Brasília, 1997.

CEREJA, W. R.. **Interpretação de textos:** construindo competências e habilidades em leitura. São Paulo: Atual, 2009.

**Competências do ENEM 2009.** Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/superior/enade/default.asp>>. Acesso em 01 nov. 2010.

Dionísio, M. F.. **A construção escolar de comunidades de leitores.** Coimbra: Livraria Almedina, 2000

ESCARPIT, D. **Adolescência: leitura(s) em liberdade?** In J. A. Gomes & P. Zimmerman, Do Dragão ao Pai Natal: Olhares sobre a literatura para a infância (pp. 71-87). Porto: Campo das Letras. . 1999.

FERREIRO, E.. **Valoriza as novas Tecnologias.** Disponível em< [http://www.planetaeducacao.com.br/ambientevirtual/conteudo/conteudomensagem.asp?ID\\_POSTAGEM=119&siteArea=64&assuntoid=41](http://www.planetaeducacao.com.br/ambientevirtual/conteudo/conteudomensagem.asp?ID_POSTAGEM=119&siteArea=64&assuntoid=41)>. Acesso em 9 jul 2011.

FERREIRO, E.. **Computador Muda Práticas de Leitura e Escrita.** Disponível em: <[http://www.planetaeducacao.com.br/ambientevirtual/conteudo/conteudomensagem.asp?ID\\_POSTAGEM=116&siteArea=64&assuntoid=41](http://www.planetaeducacao.com.br/ambientevirtual/conteudo/conteudomensagem.asp?ID_POSTAGEM=116&siteArea=64&assuntoid=41)>. Acesso em 9 jul 2011.

FREIRE, P.. **A importância do ato de ler.** 11ª. ed. São Paulo: Cortez, 1985.

FREITAS, M. T. de A.. **Vigotsky & Bakhtin.** Psicologia e Educação: Um intertexto. São Paulo: Ática, 2000.

**HOUAISS**, A.. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa. São Paulo: Objetiva, 2009.

LEMOS, A.. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 2ª ed.. Porto Alegre: Sulina, 2004.

(LDBEN), 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 1996.

KOCH, I. V.. **As tramas do texto**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008.

\_\_\_\_\_. **Argumentação e linguagem**. 8ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

MAGALHÃES, M. **A formação de leitores e o papel das bibliotecas**. In F. Sequeira. Formar Leitores: O contributo da biblioteca escolar (pp. 58 -70). Lisboa: Instituto de Inovação Educacional - Ministério da Educação. 2000.

MARTINS, M. da E. de O.; SA, C. M. **Ser leitor no século XXI** : importância da compreensão na leitura para o exercício pleno de uma cidadania responsável e ativa. Saber (e) Educar. Porto: ESE de Paula Frassinetti. Nº 13, 2008. p. 235-246

MENDELSON P. Suplemento de informática de **L'Hebdo**, dezembro de 1997, p. 12

MOMESSO, M. R.. **Diário de classe virtual**: práticas educacionais transtextuais e transdiscursivas. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37326/40046>> Acesso em 28 set. 2012

MORAIS, J. **A arte de ler**: Psicologia cognitiva da leitura. Lisboa: Cosmos, 1997

MORAN, J. M.. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. 4ª ed., Campinas: Papirus, 2009.

\_\_\_\_\_. **Mudar a forma de ensinar e de aprender com tecnologias**. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/uber.htm>> Acesso em 24 abr. 2012.

NÓVOA, A. (coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote Instituto de Inovação Educacional, 1992.

\_\_\_\_\_ (org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. 2ª ed. Campinas: Papirus, 1997.

\_\_\_\_\_. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

OLIVEIRA, M. L. **Competência Leitora e habilidades de leitura**. Disponível em : <[http://www.uniabc.br/site/revista/pdfs/09\\_Competencia\\_Leitora\\_e\\_Habilidades\\_de\\_Leitura.pdf](http://www.uniabc.br/site/revista/pdfs/09_Competencia_Leitora_e_Habilidades_de_Leitura.pdf) > Acesso em 01 dez. 2012.

OLIVEIRA, M. R. **Momesso. Edublogs: Práticas Educacionais e Discursivas na Cibermídia** Disponível em : <[http://www.ufpe.br/nehte/hipertexto2007/anais/ANAIS/Art55\\_Momesso.swf](http://www.ufpe.br/nehte/hipertexto2007/anais/ANAIS/Art55_Momesso.swf)> Acesso em 01 dez. 2012

OLIVETTO, W. **Tão importante quanto o arroz e o feijão**. Disponível em: <[http://www.revistadacultura.com.br:8090/revista/N145/edicao/htm/mat\\_05.htm](http://www.revistadacultura.com.br:8090/revista/N145/edicao/htm/mat_05.htm)> Acesso em 01 dez. 2012

**Parâmetros Curriculares nacionais: Língua Portuguesa: primeiro e segundo ciclos / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. – Brasília : A Secretaria, 1998.**

PENNAC, D. **Como um romance**. Porto: Edições ASA, 2000.

REGO, T. C.. **Vygotsky - Uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação**. Petrópolis: Vozes, 2007.

RUIZ, A. **Ver a verdade** Disponível em : <[http://www.revistadacultura.com.br:8090/revista/N144/edicao/htm/mat\\_05.htm](http://www.revistadacultura.com.br:8090/revista/N144/edicao/htm/mat_05.htm)> Acesso em 01 dez. 2012

Sacristán, J. G. **A educação que ainda é possível** : Ensaio sobre a cultura para a educação. Porto: Editora Porto, 2008.

SAMPAIO, M.; LEITE, L. S.. **Alfabetização tecnológica do professor**. 3ª.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. **Leitura: das armadilhas do óbvio ao discurso duplo** In: PRADO, J. & CONDINI, P. (Orgs.). **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999.



SILVA, M.. **Internet na escola e inclusão**. In: Secretaria de Educação a Distância. Integração das tecnologias na educação. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005.

Sim-Sim, I. **Formar leitores: A inversão do círculo**. Investigação e Prática Docente , nº3. 2002.

\_\_\_\_\_. **Ler e ensinar a ler**. Porto: Asa. 2006.

Sim-Sim, I. & Ramalho, G. **Como lêem as nossas crianças**. Lisboa: Ministério da Educação. 1993.

SOBRINO, J. G. (org). **A criança e o livro. A aventura de ler**. Porto: Editora Porto. ISBN: 972-0-34214-5. 2000.

Sousa, G. V. **Metodologia da investigação, redação e apresentação de trabalhos científicos**. Porto: Civilização, 2005.

Souza, S.. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas: Papyrus, 2000.

VYGOTSKY, L. S.. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. **Interação entre aprendizado e desenvolvimento**. In: A formação social da mente. 4. ed. São Paulo : Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998

\_\_\_\_\_ (1930a) O instrumento e o símbolo no desenvolvimento da criança. In M. Cole, S. Scribner et al. (orgs) (1978) **A formação social da mente**, pp. 21-34. SP: Martins Fontes, 1984.

\_\_\_\_\_ (1930b) Internalização das funções psicológicas superiores. In M. Cole, S. Scribner et al. (orgs) (1978) **A formação social da mente**, pp. 59-66. SP: Martins Fontes, 1984.

\_\_\_\_\_ (1935) Interação entre aprendizado e desenvolvimento. In M. Cole, S. Scribner et al. (orgs) (1978) **A formação social da mente**, pp. 89-104. SP: Martins Fontes, 1984.